



PÓS-VERDADE, NEGACIONISMO E FAKE NEWS: ENSAIO INTRODUTÓRIO

POST-VERDAD, NEGACIONISMO Y FAKE NEWS: ENSAYO INTRODUCCTÓRIO

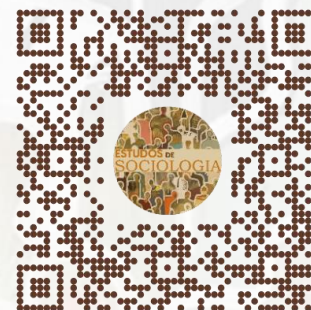
POST-TRUTH, DENIALISM AND FAKE NEWS: INTRODUCTORY ESSAY



Antonio IANNI SEGATTO¹
e-mail: antonio.ianni@unesp.br

Como referenciar este artigo:

IANNI SEGATTO, A. Pós-verdade, negacionismo e fake news: Ensaio introdutório. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 28, n. esp. 1, e023003, 2023. e-ISSN: 1982-4718. DOI: <https://doi.org/10.52780/res.v28iesp.1.18303>



| Submetido em: 05/03/2023

| Publicado em: 01/08/2023



ARTIGO SUBMETIDO AO SISTEMA DE SIMILARIDADE

Editora: Profa. Dra. Maria Chaves Jardim

Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara – SP – Brasil. Professor do Departamento de Ciências Sociais. Doutorado em Filosofia (USP).

RESUMO: Esta breve introdução ao dossiê apresenta os fenômenos da pós-verdade, do negacionismo e das fake news a partir de três perguntas. A primeira é “Qual a verdade da pós-verdade?”. A resposta é que a pós-verdade não constitui um novo tipo de verdade, mas uma forma de desacreditar o modo de justificação da verdade. A segunda pergunta é “O que o negacionismo nega?”. A resposta sugerida aponta que o negacionismo científico, em particular, nega não apenas teses científicas, mas nega sobretudo os próprios procedimentos de investigação científica. A terceira pergunta é “O que é falso nas fake news?”. A resposta visa mostrar que a falsidade das notícias falsas reside em seu caráter ideológico.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-verdade. Negacionismo. Fake news. Neoliberalismo.

RESUMEN: Esta breve introducción al dossier presenta los fenómenos de la posverdad, del negacionismo y de las fake news a partir de tres preguntas. El primero es “¿Cuál es la verdad de la posverdad?”. La respuesta es que la posverdad no constituye un nuevo tipo de verdad, sino una forma de desacreditar la forma en que se justifica la verdad. La segunda pregunta es “¿Qué niega el negacionismo?”. La respuesta sugerida señala que el negacionismo científico, en particular, niega no sólo las tesis científicas, sino sobre todo los propios procedimientos de investigación científica. La tercera pregunta es “¿Qué hay de falso en las noticias falsas?”. La respuesta pretende mostrar que la falsedad de las fake news radica en su carácter ideológico.

PALABRAS CLAVE: Pós-verdad. Negacionismo. Fake news. Neoliberalismo.

ABSTRACT: This brief introduction to the dossier presents the phenomena of post-truth, denialism and fake news based on three questions. The first is “What is the truth of post-truth?”. The answer is that post-truth does not constitute a new kind of truth, but a way of discrediting the way truth is justified. The second question is “What does denialism deny?”. The suggested answer points out that scientific denialism, in particular, denies not only scientific theses, but above all the scientific investigation procedures themselves. The third question is “What is false in fake news?”. The answer aims to show that the falsity of fake news lies in its ideological character.

KEYWORDS: Post-truth. Denialism. Fake news. Neoliberalism.

Qual a verdade da pós-verdade?

Em novembro de 2016, o renomado Dicionário Oxford anunciou a escolha do termo “pós-verdade” como palavra do ano e a definiu como um adjetivo “relativo a ou denotando circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e crença pessoal”. Embora tenha recebido essa definição no ano mencionado, vale lembrar que a palavra não é nova. Ela havia sido empregada pela primeira vez em 1992 pelo dramaturgo Steve Tesich em um ensaio para a revista *The Nation*. Em 2004, ela reaparece no título do livro de Ralph Keyes *The Post-Truth Era*. Mas o termo ganha o significado fixado pelo Dicionário Oxford na esteira do artigo “Arte da Mentira”, publicado no mesmo ano de 2016 na revista britânica *The Economist*, em que Trump é considerado o expoente da política da “pós-verdade”, caracterizada por uma “confiança em afirmações que ‘parecem verdadeiras’, mas não têm base em fatos”. O que se pode depreender da definição apresentada pelo dicionário e da caracterização do artigo é que a expressão mesma “pós-verdade” pode ser enganadora, porque não se trata de um novo tipo de verdade ou de dizer que não existe qualquer verdade. Em outras palavras, a pós-verdade não é uma negação da verdade entendida em sentido tradicional. Ela se caracteriza, antes, por *descredibilizar o modo de justificação da verdade*. A fim de precisar essa ideia, examinemos o paralelo sugerido por alguns entre a “era da pós-verdade” e aquela ideologia que, por assim dizer, inaugura o uso do prefixo “pós”: a “condição pós-moderna”. Lee McIntyre (2018, p. 126) propõe a tese de que o pensamento pós-moderno é um precursor da pós-verdade. Ele aponta duas ideias, no seu entender, próprias à pós-modernidade que permitiriam estabelecer esse parentesco: 1) não há verdade objetiva, 2) qualquer defesa de verdade nada mais é do que um reflexo da ideologia política de quem faz tal defesa. Em um sentido lato, pode-se dizer que a pós-verdade repete a tese que não há verdade *objetiva*, já que importam menos fatos objetivos do que a emoção ou a crença pessoal, portanto, uma suposta verdade *subjetiva*. Por outro lado, como veremos, fenômenos próprios à era da pós-verdade, como o negacionismo e a disseminação de fake news, servem precisamente à manipulação da verdade enquanto supostas manifestações ideológicas. Lembrem-se das repetidas declarações de Trump de que as notícias veiculadas pela mídia tradicional são fake news. No entanto, ao contrário da pós-modernidade que apregoa a destruição ou liquidação dos ideais do projeto moderno (LYOTARD, 1987, p. 31), a pós-verdade não recusa nem a ideia mesma de verdade nem qualquer definição específica de verdade. Ao contrário, ela repõe uma certa noção de verdade – aparentemente, da noção tradicional de verdade como correspondência a fatos – para recusar seu critério. Ela também não nega pura e simplesmente que a verdade

esteja baseada em fatos, mas propõe que os fatos são fabricações. Lembrem-se da declaração de Kellyanne Conway, conselheira de Trump, a propósito do número de pessoas que assistiram à posse do presidente americano. Confrontada com dados que desmentiam sua declaração, ela alegou que não apresentava uma falsidade, mas “fatos alternativos”.

Compreender a ideia de pós-verdade supõe algumas definições e distinções básicas. Como nota Ernesto Perini-Santos (2022, p. 271-272), “a verdade designa uma relação entre algo que é passível de ser julgado como verdadeiro ou falso, como uma asserção ou uma crença, e um fato [...] uma crença tem uma razão epistêmica quando ela é aceita porque a pessoa tem alguma indicação do fato que a torna verdadeira”. Sendo assim, continua o autor, “expressão pós-verdade designa uma suposta mudança no comportamento das pessoas que, aparentemente, passaram a ter crenças para as quais não têm razões epistêmicas” (PERINI-SANTOS, 2022, p. 272). Isso é explicado pela exacerbação de alguns fenômenos que precedem a era da pós-verdade, notadamente, a existência de vieses cognitivos que explicam o desvio de razões epistêmicas. Em particular, pode-se destacar o viés de confirmação, que diminui a exigência evidencial para as crenças que já possuímos e aumenta a exigência para o que vai contra o que já acreditamos. Perini-Santos nota que tais vieses sempre estiveram a serviço da identificação a grupos específicos. Na atualidade, porém, esses fenômenos ganham nova dimensão, devido a três razões: 1) a difusão desregulada da informação favorece a propagação de crenças que não passam por filtros epistêmicos por duas razões; 2) o fortalecimento da extrema direita se constrói em torno de crenças que não passam por filtros epistêmicos e morais; 3) o crescimento da desconfiança nas sociedades se dá em razão do aumento da desigualdade. Mais do que isso, há uma espécie de reforço recíproco desses fatores: “O crescimento da desigualdade e a difusão desregulada de informações na internet reforçam a extrema direita, que se alimenta de tensões e desconfianças que crescem num mundo cada vez mais desigual e prospera em espaços sem filtros epistêmicos e morais” (PERINI-SANTOS, 2022, p. 274). Acredito que essa caracterização é correta e, por isso, merece desenvolvimento. As relações entre os três fatores não se devem apenas ao reforço recíproco de seus efeitos, isto é, ao fato de que o crescimento da desigualdade e a difusão desregulada de informações reforçam a extrema direita e esta prospera em espaços sem filtros epistêmicos e morais. A meu ver, há uma afinidade eletiva entre esses efeitos e o neoliberalismo, sobretudo em sua versão reacionário contemporânea. Perini-Santos lembra que a difusão desregulada da informação está ligada ao crescimento da difusão de crenças que têm um papel identitário. Que se pense, por exemplo, no terraplanismo ou na difusão de desinformação por meio de grupos em aplicativos de mensagem. Esse papel

identitário encontra terreno fértil na versão hiper-reacionária do neoliberalismo, segundo a expressão de Fraser (2018). Wendy Brown mostrou de maneira convincente que “a atual economicização neoliberal da vida política e social se distingue por uma produção discursiva que converte toda pessoa em capital humano – de si mesma, das empresas, e de uma constelação econômica nacional ou pós-nacional, como a União Europeia” (BROWN, 2018, p. 6). No plano da difusão de informações, da produção e difusão do conhecimento e da ciência, esse fenômeno significa autorizar indivíduos e grupos a reivindicarem para si o poder de produzir suas próprias “verdades”. Assim como os indivíduos são livres no sentido de que são “liberados da interferência legal em suas escolhas e decisões” – ainda que isso signifique um novo modo de subjugação, que Brown chama de “cidadania sacrificial” –, eles são também livres de qualquer compromisso com, por exemplo, intuições científicas – ainda que isso possa significar o sacrifício literal de inúmeras vidas, conforme mostraram as estatísticas sobre pessoas não-vacinadas e o número de mortos por Covid-19 durante a pandemia. Essa liberdade neoliberal é partidária do ataque neoliberal ao social enquanto

local em que cidadãos de origens e recursos amplamente desiguais são potencialmente reunidos e pensados como um conjunto [...], em que as desigualdades historicamente produzidas se manifestam como acesso, voz e tratamento políticos diferenciados, bem como o local em que essas desigualdades podem ser parcialmente corrigidas (BROWN, 2019, p. 38).

Wendy Brown mostra como a direita ascendente promove uma combinação de libertarianismo, moralismo, autoritarismo, nacionalismo, ódio ao Estado, conservadorismo cristão e racismo. Nesse contexto, as novas forças reacionárias, ao mesmo tempo, “batem-se contra o relativismo, mas também contra a ciência e a razão, e rejeitam afirmações baseadas em fatos, argumentação racional, credibilidade e responsabilidade” (BROWN, 2019, p. 10). A liberdade neoliberal serve como instrumento à era da pós-verdade e assume uma função identitária para aqueles que se identificam com ideologias de reacionárias e de extrema direita e pretendem descreditar verdades fundamentadas.

O que o negacionismo nega?

Segundo Kropf, o termo “negacionismo” tem origem no vocábulo francês “*négationisme*” e remonta ao período pós-Segunda Guerra Mundial, quando foi usado para caracterizar o discurso dos que negavam o extermínio dos judeus e outros grupos durante o Holocausto. Ela nota também que

posteriormente, o termo passaria a abranger outros alvos, não apenas no domínio da história, mas do conhecimento científico de modo geral, como a correlação entre o uso do tabaco e doenças como o câncer, a teoria da evolução, as vacinas, as mudanças climáticas decorrentes de ações humanas (KROPF, 2022, p. 201).

A fim de compreender mais precisamente o que exatamente o negacionismo nega é preciso lembrar que ele não se confunde com dúvidas, incertezas e controvérsias legítimas. Esses elementos são parte fundamental do falibilismo da ciência. Nesse sentido, o conhecido critério de demarcação entre ciência e não ciência proposto por Popper não pode ser mobilizado para refutar o negacionismo. Como se sabe, Popper baseou seu critério de demarcação entre ciência e pseudociência na possibilidade de teorias, como a teoria geral da relatividade de Einstein, de serem refutadas, bem como na impossibilidade de teorias, como, a seu ver, o marxismo e a psicanálise freudiana, de serem refutadas. Em suas palavras: “o critério do status científico de uma teoria é sua falsificabilidade, ou refutabilidade, ou testabilidade” (POPPER, 1982, p. 66, tradução modificada). O negacionismo não pode ser refutado pelo critério da falsificabilidade, não porque suas teses sejam imunes à crítica, isto é, a tentativas de refutação, mas porque ele não respeita os procedimentos fundamentais da própria lógica da investigação científica. Nos termos de Popper, um negacionista negaria o próprio critério de demarcação da falsificabilidade como procedimento legítimo para determinar se uma concepção é ciência ou pseudociência. O negacionismo científico é uma forma de negação de segunda ordem, que nega não apenas teses científicas, mas nega sobretudo os próprios procedimentos de investigação científica.

Assim como a pós-verdade não é um tipo de verdade e sua explicação passa, como vimos, pela vinculação ao neoliberalismo, o negacionismo não é mera pseudociência no sentido popperiano e sua explicação passa, em parte, por sua associação ao populismo reacionário contemporâneo. Kropf ressalta que o negacionismo científico não resulta da ignorância – outro aspecto, aliás, fundamental para ciência, segundo Popper –, mas produz a ignorância de modo deliberado:

Sua definição se dá por seu caráter intencional e articulado para produzir e disseminar desinformações e dúvidas, por meio de estratégias organizadas com o objetivo de contrariar evidências e alegações consensualmente reconhecidas pela comunidade científica. O negacionismo constitui-se como projeto atrelado a interesses extracientíficos. Ainda que dirigido a temas, a teorias ou a ideias específicas, o ataque à autoridade, aos consensos e às instituições científicas que os vocalizam e os sustentam torna o negacionismo

ameaça à credibilidade da ciência como um todo. E, como tal, confronta a própria democracia (KROPF, 2022, p. 201).

A negação do negacionismo está dirigida também às instituições e procedimentos que garantam a objetividade do conhecimento. Não causa espanto que os negacionistas pretendam tanto negar teses científicas quanto desacreditar universidades, institutos de pesquisa, órgãos de controle, etc.

Repete-se com o negacionismo aquele papel identitário que Perini-Santos identifica no fenômeno da pós-verdade. Kropf chama esse traço de “negação como *ethos*”. A negação serve de elemento de identidade para aqueles que reagem ao “sistema”, assim como reagem ao que Nancy Fraser (2018) chamou de “neoliberalismo progressista”:

O anti-intelectualismo nutrido por governos de extrema direita é, nesse sentido, um dos elementos decisivos para a mobilização negacionista que busca recrutar os que se veem como “o outro lado” em formas de vida referidas aos espaços e aos valores do conhecimento (KROPF, 2022, p. 201).

Não por acaso variadas formas de negacionismo prosperaram no Brasil durante o governo de Jair Bolsonaro. Rocha, Solano e Medeiros identificam no bolsonarismo uma dimensão “antissistêmica”, responsável por gerar alguns paradoxos, dentre eles, “a possibilidade da direita e da extrema direita continuarem a se apresentar como antissistêmicas mesmo após terem passado a ocupar posições centrais de poder” (ROCHA; SOLANO, MEDEIROS, 2022, p. 57). Mais do que isso, esse paradoxo é constitutivo do governo mencionado e teve um papel relevante em seu projeto autoritário, pois promoveu “uma constante destruição das instituições por dentro, buscando identificar a ‘democracia existente’ ao ‘sistema’ e propondo a identificação da ‘verdadeira democracia’ com o período da ditadura militar” (NOBRE, 2022, p. 178). No plano da ciência e do conhecimento, o negacionismo serviu a essa destruição por dentro das intuições científicas e órgãos de controle. É possível inclusive identificar estratégias de erosão democrática comuns a diferentes regimes autocráticos no mundo, bem como a governos que se colocaram nesse caminho (BRITO *et al.*, 2023). No que diz respeito às políticas de educação, pode-se identificar, por exemplo, alterações na abordagem de fatos históricos, por vezes marcadas pela ausência de respaldo científico e pela reescrita de narrativas e fatos comprovados, interferências na autonomia didático-científica e ataques às liberdades individuais dos acadêmicos, tanto por meio de ameaças como de discursos que desvalorizam os atores educacionais, em especial os que fazem parte da oposição política aos regimes no poder.

O que é falso nas fake news?

A expressão “fake news” designa o que se convencionou chamar em português de notícias falsas. Sua disseminação se intensificou a partir de meados da década passada com a campanha do Brexit, as eleições nos Estados Unidos em 2016 e, no Brasil, o processo eleitoral de 2018. Esses eventos, aliás, permitem uma caracterização mais ou menos geral do fenômeno. Segundo Sampaio, “fake news são notícias falsas, inventadas, alteradas, distorcidas, retiradas de seus contextos originais” (SAMPAIO, 2022, p. 134). Disso, ele extrai algumas características: 1) para que possam se apresentar como notícias (ainda que falsas), elas não precisam apresentar um formato que imite o formato jornalístico; elas ainda, usualmente, são baseadas numa lógica de apresentar novidades baseadas em “fatos”, ainda que inventados ou distorcidos; 2) as fake news ganham confiabilidade por meio do viés de confirmação, isto é, sua confiabilidade em crenças e perspectivas preexistentes ou, ainda, em medos, ansiedades, teorias conspiratórias e preconceitos; 3) fake news são um fenômeno intrinsecamente digital. A segunda característica está relacionada ao que foi dito acima sobre o fato de que a pós-verdade não um outro tipo de verdade. Pode-se dizer inclusive que as notícias falsas não são notícias; elas são, antes, simulacros de notícias. Mais importante, porém, é entender em que sentido elas são falsas. Em um sentido óbvio, elas são falsas, porque não correspondem a fatos. Mas uma vez que as notícias falsas são produzidas para produzir engano, torna-se irrelevante que elas não correspondam a fatos. Ao contrário, é como se elas produzissem simultaneamente os fatos que noticiam. Embora a checagem de fatos seja um mecanismo importante de combate às fake news, ela não resolve inteiramente o problema. Isso não se deve apenas devido a não alcançarem o mesmo número de indivíduos expostos aos conteúdos falsos originais e devido ao viés de confirmação, que faz com as próprias pessoas resistem à correção da informação. Sampaio lembra o seguinte:

No seu sentido alternativo e distorcido, fake news é um termo utilizado por políticos ou grupos extremistas para desqualificar veículos midiáticos, geralmente do jornalismo profissional, que fazem coberturas negativas do grupo político em questão. Essa desqualificação acontece para a promoção de meios alternativos de comunicação, geralmente digitais, direcionados a grupos partidários e militantes específicos, que não tenham filtragem ou mediação desses atores midiáticos. Esses canais paralelos costumam ser justamente aqueles que ajudam a difundir as fake news em seu sentido original (SAMPAIO, 2022, p. 135).

Acredito que só é possível compreender o que há de falso nas fake news compreendendo seu caráter ideológico. Como recorda Stahl, a ideologia em sentido marxiano denota “falhas

cognitivas em fenômenos intelectuais (isto é, nas relações intelectuais dos indivíduos com a realidade)” (STAHL, 2020, p. 215). Mais especificamente, trata-se de uma “relação cognitiva ideológica dos indivíduos com a realidade social não porque a ideologia reproduz cognitivamente essa realidade de modo falso, mas porque assume que a ideologia é a expressão adequada de uma falsa realidade” (STAHL, 2020, p. 220). Nesse sentido, o caráter ideológico das fake news reside em que são fabricadas e disseminadas para justamente produzirem falhas cognitivas, mais especificamente, nas relações intelectuais dos indivíduos com a realidade. Além disso, as fake news não apenas reproduzem essa realidade de modo falso, mas são também a expressão adequada de uma falsa realidade. Não por acaso muitas das fake news recentes disseminam misoginia, homofobia, transfobia, etc. Lembre-se do uso indiscriminado de fake news nas eleições de 2018 no Brasil, quando houve disparos massivos de mensagens por aplicativos de celular, que acusavam o então candidato Fernando Haddad de defender o incesto, a pedofilia, a implantação do comunismo no Brasil e de distribuir, quando Ministro da Educação, um suposto “kit gay” em escolas, incentivando as crianças a serem homossexuais.

Por último, vale lembrar que “a ideologia favorece as crenças cognitivamente falsas (ou seja, não verdadeiras) de segunda ordem” (STAHL, 2020, p. 229). As fake news não apenas produzem conteúdos falsos de primeira ordem, mas também servem para impedir que os indivíduos tenham uma relação reflexiva deficitária de segunda ordem com tais conteúdos. Retomando o exemplo acima, as fake news que disseminaram a suposta “ideologia de gênero” não apenas têm conteúdos falsos, pois não correspondem à realidade, ao contrário, distorcem deliberadamente a realidade. Mais do que isso, essas fake news visam a incapacitar os indivíduos a julgar por si mesmos sobre falsidade material de tais conteúdos, isto é, a adotar uma relação reflexiva com eles. Isso tem por propósito a manutenção de relações desiguais e injustas e, por isso, é uma arma utilizada preferencialmente pelo populismo reacionário contemporâneo. Mais uma vez, repete-se a reação do neoliberalismo hiper-reacionário, para retomar outra expressão de Fraser (2018), às reivindicações progressistas. Ademais, o fato de políticos como Trump alegarem que as notícias produzidas e veiculadas pela mídia tradicional são fake news visa, entre outras coisas, à impedir que seus partidários e seguidores possam discriminar quais notícias são de fato verdadeiras e quais são falsas, embaralhando os dois lados. A crítica das fake news não pode, portanto, passar ao largo dos recursos conceituais da crítica da ideologia.

REFERÊNCIAS

- BRITO, A. *et al.* **O caminho da autocracia: estratégias atuais de erosão democrática.** São Paulo: Tinta-da-China Brasil, 2023.
- BROWN, W. **Cidadania Sacrificial: neoliberalismo, capital humano e políticas de austeridade.** Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2018.
- BROWN, W. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão política antidemocrática no ocidente.** São Paulo: Editora Politeia, 2019.
- FRASER, N. Do neoliberalismo progressista a Trump – e além. **Política & Sociedade**, v. 17, n. 40, p. 43-64, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2018v17n40p43>. Acesso em: 17 nov. 2022.
- KROPF, S. P. Negacionismo científico. *In*: SZWAKO, J.; RATTON, J. L. (org.). **Dicionários dos negacionismos no Brasil.** Recife: Cepe, 2022.
- McINTYRE, L. **Post-truth.** Cambridge, MA: MIT Press, 2018.
- LYOTARD, J-F. **O pós-moderno explicado às crianças: correspondência 1982-1985.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.
- NOBRE, M. **Limites da democracia: de junho de 2013 ao governo Bolsonaro.** São Paulo: Todavia, 2022.
- PERINI-SANTOS, E. Pós-verdade. *In*: SZWAKO, J.; RATTON, J. L. (org.). **Dicionários dos negacionismos no Brasil.** Recife: Cepe, 2022.
- POPPER, K. **Conjecturas e refutações.** Brasília, DF: Editora UnB, 1982.
- ROCHA, C.; SOLANO, E.; MEDEIROS, J. Bolsonarismo. *In*: SZWAKO, J.; RATTON, J. L. (org.). **Dicionários dos negacionismos no Brasil.** Recife: Cepe, 2022.
- SAMPAIO, R. C. Fake news. *In*: SZWAKO, J.; RATTON, J. L. (org.). **Dicionários dos negacionismos no Brasil.** Recife: Cepe, 2022.
- STAHL, T. Crítica da ideologia como crítica das práticas sociais: uma reconstrução expressivista da crítica da falsa consciência. **Cadernos de Filosofia Alemã**, v. 25, n. 1, p. 213-233, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/168050>. Acesso em: 17 nov. 2022.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

